



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de inauguração do trecho Colinas do Tocantins-Palmas da Ferrovia Norte-Sul e dos pátios multimodais de Palmas/Porto Nacional e Guaraí/Tupirama

Palmas-TO, 21 de setembro de 2010

Eu não sei se os maquinistas vão ouvir o que eu estou falando, mas bem que seria propício para a festa que estamos fazendo aqui, se as nossas locomotivas pudessem apitar um pouco, agora, para a gente consagrar o início da inauguração de mais esse trecho da Ferrovia Norte-Sul.

Enquanto elas não tocam, eu queria cumprimentar o meu companheiro e amigo presidente da República, presidente do Senado, o companheiro José Sarney,

Quero cumprimentar o ministro interino dos Transportes, o companheiro Mauro Barbosa, (apito do trem)

Espero que os mesmos que ouviram eu pedir para continuar, ouvissem agora em pedir para parar.

Bem, eu acho que nem precisava mais discurso, eu acho que a gente poderia todo mundo voltar para casa, com o barulho, porque os mais jovens irão ouvir, durante muito tempo, daqui para frente, essa buzina, e cada vez que verem [ouvirem] esse apito de uma locomotiva vão se lembrar de que o progresso está passando pelo estado de Tocantins.

Queria cumprimentar o companheiro Alcides Rodrigues, governador do estado de Goiás,

O companheiro Eduardo Machado, vice-governador e governador em exercício do estado de Tocantins,

Quero cumprimentar a companheira Tereza Martins, prefeita de Porto Nacional,



E o companheiro Raul Filho, prefeito de Palmas, por intermédio de quem eu quero cumprimentar todos os prefeitos aqui presentes,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Juquinha, presidente da Valec,

E quero cumprimentar a todos vocês que vieram aqui para esse momento de inauguração de 256 quilômetros a mais da Ferrovia Norte-Sul.

Eu queria, em umas breves palavras - não vou precisar do meu discurso aqui - dizer para os companheiros que eu toda vez convido o presidente Sarney para vir aqui, porque esta ferrovia é um marco e será um marco na história do país. Quando foi introduzida a indústria automobilística no Brasil, na década de [19]50, se tomou como decisão também diminuir o ímpeto pela construção de ferrovia e aumentar o ímpeto pela construção de rodovias. E o Brasil não apenas não construiu novas ferrovias como o Brasil foi destruindo as ferrovias que existiam. Só para vocês terem ideia, nos anos [19]50, nós tínhamos, Sarney, 37 mil quilômetros de ferrovias, ou seja, 37 mil quilômetros de trilhos nós tínhamos em 1950. E por conta de decisões equivocadas, poucos anos depois, nós caímos para menos de 29 mil quilômetros e, pouco depois, a gente percebeu que só estavam sendo utilizados, no Brasil, apenas 10 mil quilômetros de ferrovias; o restante estava praticamente parado.

Ora, o equívoco foi você entrar na era do automóvel, na era dos caminhões e na era dos ônibus, e imaginar que você tinha acabado com a era da ferrovia. Quando no mundo inteiro, mesmo durante a Segunda Guerra Mundial, as ferrovias significavam a grande forma de transporte de carga no mundo, e alguns países, combinando carga com passageiros. Mas, no Brasil, se resolveu, então, abandonar as ferrovias.

Ora, quando o presidente Sarney anunciou a construção da Ferrovia Norte-Sul, nós, um pouco da classe política brasileira, incrédulos como nós somos, em vez de procurar o presidente Sarney e discutir o projeto da Ferrovia Norte-Sul, eu, particularmente, e outras pessoas fizemos coro no Congresso



Nacional contra a Ferrovia Norte-Sul. A gente nem conhecia o projeto, mas a gente era contra, como hoje muita gente é contra, sem saber o que está acontecendo para ele ser contra.

Ora, o destino quis que o presidente Sarney, começando em [19]87 a Ferrovia, terminasse o seu mandato com a conclusão de 115 quilômetros, se não me falha a memória, Juquinha, 115 quilômetros, aí o Sarney deixou a Presidência da República. Aí, depois do Sarney veio o Collor, depois veio o Itamar, depois veio o Fernando Henrique Cardoso, ou seja, praticamente, praticamente todos esses outros presidentes fizeram mais cem quilômetros. Nós passamos, então, a ter 215 quilômetros.

Veja, Sarney, que cinco anos de Collor e Itamar, e oito anos do meu antecessor, 13 anos, portanto, fizeram apenas cem quilômetros de ferrovia. Nós... E você, Sarney, já está convidado para, no dia 20 de dezembro – se não acontecer isso, a gente vai puxar a orelha do Juquinha – para, no dia 20 de dezembro, a gente vir inaugurar, de Açailândia, onde você começou, até Anápolis, perfazendo um trecho de 1.359 quilômetros, ou 59 ou 50 quilômetros. De qualquer forma, passa a ser a maior ferrovia do Brasil.

Mas a gente não vai parar por aí, porque já foi licitado o trecho Anápolis até Estrela d'Oeste, em São Paulo, e também o trecho que vai até Belém, para que a gente possa, como vocês viram no mapa, quando passou o filme, viram a gente fazer uma espécie de “espinha de peixe” e, depois, a gente vai ter que fazer, primeiro, a coluna vertebral do peixe e, depois, vamos fazer as costelinhas do peixe, ali, para a gente poder interligar a totalidade do território nacional.

Inclusive, inclusive fazendo uma coisa que nós vamos recomendar agora, no PAC 2. No dia 8 outubro eu vou inaugurar a eclusa lá do estado de Tocantins... de Tucuruí, de Tucuruí, a eclusa de Tucuruí. E nós vamos começar a combinar, agora, um sistema de transporte que é ferrovia, hidrovia e estrada. Nós não queremos abandonar nenhum. Mas a verdade é que o Ministério dos



Transportes sabe, o Denatran sabe que caminhão não foi feito para andar três, quatro mil quilômetros para entregar carga, ou seja, o caminhão deveria andar 200 ou 300 quilômetros e, depois, a ferrovia e, depois, a hidrovia, porque a gente torna mais barato para os produtos chegarem à casa das pessoas e os companheiros que têm caminhão, na verdade, é para pegar trecho do porto, levar à cidade, fazer a entrega e não para andar quatro ou cinco dias de caminhão como a gente costuma ver no Brasil de hoje, gastando óleo diesel quando, na verdade, a gente poderia fazer muito mais barato.

Mas não é apenas isso que nós estamos fazendo. Essa obra é uma obra, para mim ela é marcante, porque ela atravessa uma região nobre do país, que é a região Centro-Oeste. Mas, mais importante é que ela vai ligar o Porto de Itaquí ao Porto de Santos, e pode ligar ao Porto de Paranaguá, e que depois vai poder ligar ao Porto de Belém, e que depois vai poder ligar ao Porto de Ilhéus, porque também, na semana que vem, nós vamos, o Ministro dos Transportes, o Juquinha e eu, nós vamos à Bahia, anunciar a conclusão do projeto – já teve licença, Juquinha? – da Ferrovia Oeste-Leste, que ela vai sair de Ilhéus, ela vai sair de Ilhéus, onde vai ter um porto, um porto público e um porto privado, e ela vai atravessar por onde, Juquinha? Figueirópolis. Eu esqueço toda hora, porque ainda não está, não está no PAC Figueirópolis. Mas só tem sentido a gente fazer essa ligação se a gente trazer ela até Figueirópolis. Então, são mais quase mil quilômetros de ferrovia.

A outra coisa importante é que nós também começamos mais 1.720 quilômetros de ferrovia, ligando o Porto de Suape, em Pernambuco, ao Porto de Pecém, no Ceará, passando por Eliseu Martins, no Piauí. São 1.720 quilômetros de ferrovia que nós estamos fazendo no Nordeste brasileiro.

Mas a coisa mais gratificante que nós estamos fazendo, para mim, além das ferrovias, Sarney, é o canal do São Francisco. O canal do São Francisco, nós vamos pegar um pouco d'água do rio São Francisco, lá na Bahia, e vamos levar para o estado da Paraíba, para o estado do Rio Grande do Norte, para o



estado de Pernambuco e para o estado do Ceará. Ou seja, nós vamos atender a 12 milhões de brasileiros que moram no semiárido, a região mais pobre do país.

O que é grave é que Dom Pedro tentou fazer essa obra em 1847. Desde 1947... 1847, do tempo do Império, que o Imperador queria fazer esta obra. Não sei por que desgraça não deixaram ele fazer. Certamente, Sarney, quem não deixou ele fazer nunca tinha carregado um pote d'água na cabeça. Nunca, nunca tinha.

Eu não sei... Eu digo todo dia: vocês percebem que eu não tenho pescoço. Na casa que eu morava, lá em Caetés, tinha um açude na frente e eu tinha sete anos de idade, a estrutura óssea não estava nem formada ainda, mas eu era obrigado a carregar pote d'água na cabeça. Aí, meu cocuruto foi afundando, o pescoço ficou só desse tamanho. E eu vejo na televisão gente com pescoço de quatro metros, parecendo uma ema, eu só queria ter metade daquilo, de pescoço. Vocês não sabem, vocês não sabem que eu boto gravata, as pessoas não veem nem o nó, de tanto carregar.

Essas pessoas é que proibiram Dom Pedro a fazer, depois proibiram o Sarney, depois proibiram... Todos os presidentes que quiseram fazer, tinha gente que não queria deixar: hora deputado, a Bahia achava que era dona da água, depois era Sergipe que achava que era dono da água, depois era Alagoas, depois tinha gente que não queria, e nós, então, resolvemos fazer, quase por uma questão de honra. E, hoje, nós estamos fazendo um canal de 642 quilômetros, que vai levar água para todos esses estados que a vida inteira viram o seu povo morrer de seca por falta de água.

Bem, nós, nós aprendemos a fazer, nós aprendemos a fazer. Eu vou deixar a Presidência no dia 31 de dezembro... não, no dia 1º de janeiro, que eu tenho que botar a faixa em alguém. Então, no dia 1º eu vou... dia 1º eu vou terminar o meu mandato. Quando a gente terminar o mandato, quando a gente terminar o mandato é que a gente vai poder fazer uma avaliação daquilo que



foi feito e daquilo que não foi feito.

Certamente, Sarney, você fez muitas avaliações. Porque, muitas vezes, a gente não tem noção do que é governar, porque a gente pensa que é difícil. Se a gente olhasse para a vida interna da gente, para a vida íntima da gente, a gente poderia pegar, marido e mulher, quantas vezes, antes de casar, a gente fez planos. Quantas vezes a gente fez plano de construir a casa, de comprar o carro, de estudar, e quantas vezes a gente vive 20 ou 30 anos e não consegue concluir os nossos sonhos.

Eu estou vendo a Raimundinha aqui, sentada, nossa querida quebradora de coco aqui, do Tocantins, companheira que deve ter planos há 30 anos... Eu acho que ela até teve plano de casar comigo quando eu passei aqui, em [19]93. Ela só bateu palmas porque não ouviu o que eu falei. Mas quantas vezes a gente faz planos e a gente não consegue concluí-los? Porque não depende só da gente.

Então, quando eu terminar o governo, a gente vai poder fazer planos. Eu já pedi, Sarney, uma novidade que nós vamos tirar, no Brasil: cada ministro vai ter que fazer uma prestação de contas, e ele vai no cartório registrar essa prestação de contas, para que a gente possa mandar para todas as universidades, mandar para o Congresso Nacional, mandar para as bibliotecas, mandar para o Movimento Sindical, para que todo mundo, quando quiser saber o que aconteceu de 2003 a 2008, neste país, a 2010, cada centavo gasto, cada metro de asfalto feito, cada mulher que recebeu o Bolsa Família, cada pessoa que recebeu uma casa, cada criança que foi para a escola, a gente vai ter registrado o que aconteceu neste país. Porque a gente quer criar um novo jeito de governar este país. Um novo jeito de governar significa a gente ouvir mais a sociedade e significa a gente prestar contas daquilo que ele fez, porque aí a sociedade está mais sabida, está mais esperta, e a sociedade vai cobrar mais de quem vier depois de mim. Ou seja, não pensem que quem vier depois de mim vai ter capacidade de fazer menos, porque se fizer menos, o povo vai



estar querendo mais.

O povo aprendeu, o povo aprendeu. Porque tinha um pessoal que governou este país e que dizia: “É difícil, é difícil”. Eu posso dizer para vocês: é menos difícil do que eles falavam, é menos difícil do que eles falavam. Ou seja, primeiro, primeiro, este país, para chegar ao ponto em que chegou, para criar 15 milhões de emprego; este país, para fazer com que os trabalhadores tivessem aumento real de salário; este país, para ter 14 universidades novas, para ter 214 escolas técnicas, para ter 118 extensões universitárias; este país, Sarney, nos últimos dois anos, com o Reuni, nós dobramos a entrada de novos alunos na universidade. Nós tínhamos uma renovação de 113 mil e, este ano, foi para 259 mil apenas com o Reuni, mais 704 mil jovens no ProUni, que certamente Tocantins tem muito adolescente fazendo universidade no ProUni, porque não podiam pagar.

Este país mudou, e este país, portanto, não volta mais. Não volta mais ao passado, de obras inacabadas, de obras paralisadas, de falta de projeto. Sabem o Ministro dos Transportes, Sarney, e o Padilha, que quando nós chegamos à Presidência da República, nós gastávamos, por ano, 1 bilhão no Ministério dos Transportes, era o que a gente conseguia contratar e executar: 1 bilhão por ano. Agora, nós estamos gastando 1 bilhão e 300 por mês, não por ano, por mês.

Nós conseguimos fazer quase uma coisa extraordinária no Brasil, que é fazer com que o Brasil pudesse ser o país em que o povo participasse. Quando eu criei o Bolsa Família, acharam que era esmola. Ora, para quem ganhava R\$ 10 mil, R\$ 12 mil, para quem dava R\$ 100,00 de gorjeta, depois de encher a cara em um bar, R\$ 85,00 não vale nada, mas para uma pessoa pobre, R\$ 85,00, R\$ 100,00 vale muito. Quando essas pessoas não conheciam isso, essas pessoas ficavam dizendo que era assistencialismo, que era demagogia, que era populismo. Agora, essas mesmas pessoas estão indignadas. Como é que eles são tão sabidos, tão sabidos, e precisou chegar ao governo um não



tão sabido como eles para fazer o que os sabidos deveriam ter feito e não fizeram, neste país.

Vocês, vocês estão acompanhando a imprensa, vocês veem pela internet, vocês assistem a televisão, vocês ouvem rádio, e vocês veem, às vezes, chega quase a beirar ódio, porque eles ficam torcendo, desde o começo, para o Lula fracassar, Sarney: “Esse peão não pode dar certo. Esse peão não pode dar certo. Ele tem que dar errado, porque se ele der certo, nós estamos desgraçados”. E torceram a vida inteira, torceram a vida inteira.

Chega na época da campanha, vocês já viram: eu já fui vítima do que está acontecendo hoje. Agora, o que eles não percebem é que nós aprendemos, nós aprendemos, o que eles não percebem é que o povo de 2010 não é mais massa de manobra como era o povo de 30 anos atrás. Ele, ele já não pode colocar alguém para mentir e achar que o povo vai acreditar. Eles têm que perceber que o povo está sabendo que quando escrevem coisas erradas é mentira, que quando falam coisas erradas é mentira. Não tem mais aquele negócio: deu, deu na televisão é verdade, acabou. É verdade, quando é verdade. Mas o povo sabe quando é mentira, o povo sabe quando eles estão tentando mistificar coisas, criar coisas novas. E é isso, é isso que está deixando a situação do Brasil, que eles, veja, eles, durante muito tempo, não acreditavam que a economia brasileira fosse chegar do jeito que chegou. Não tem uma revista internacional, uma, seja francesa, inglesa, americana, alemã, que não tenha a capa elogiando a economia brasileira, elogiando a agricultura brasileira, elogiando o governo brasileiro. Eu não... (incompreensível) nada do que está escrito, mas só pela manchete eu já acho bonito.

Agora, daqui eu entendo tudo e percebo como é que tem, às vezes, má-fé, às vezes, má-fé. Porque eu, eu, quando falam mal, que eu estou errado, eu dou a mão à palmatória, porque acho que liberdade de imprensa é uma coisa sagrada, para a gente fortalecer a democracia no nosso país. Agora, a liberdade de imprensa não significa que você pode inventar coisas o dia inteiro.



Liberdade de imprensa significa que você tem liberdade para informar corretamente a opinião pública para fazer crítica política e não, e não o que a gente assiste de vez em quando.

De qualquer forma, de qualquer forma, eu já aprendi muito, já tenho... Eu já tomei tanta chibatada que as minhas costas são mais grossas, as minhas costas são mais grossas do que casco de tartaruga, são mais grossas. Aqui, não adianta bater mais, não adianta bater mais. Se quiser dialogar, tem diálogo; se quiser conversar, vamos conversar. Agora, tem que entender o seguinte: um torneiro mecânico, que tem apenas o quarto ano primário e um diploma de torneiro, conseguiu fazer mais do que muita gente da elite fez neste país.

E esse, Sarney, esse é o grande legado para este povo, esse é o grande legado. Não é um viaduto, não é uma ponte, não é uma estrada. A grande herança que eu me orgulho de deixar é de ter despertado, em cada homem e em cada mulher deste país, do mais humilde, desde o que está colocando dormente aí na estrada até o engenheiro que está lá em cima do vagão, de que todos nós somos iguais. O que nós precisamos é ter oportunidade e saber que todos nós poderemos governar este país. Acabou o tempo em que apenas uma casta podia tudo e a outra não podia nada. Agora, todos nós podemos um pouco, todos nós temos direitos, todos nós temos deveres, todos nós temos compromisso e este país só está crescendo por conta disso. Acabou o tempo... eu ontem falei: faz dois anos que eu faço ato neste país e eu nunca mais vi uma faixa escrito: "Fora FMI". Nunca mais. Vocês estão lembrados de que quando eu não tinha chegado ainda na Presidência e que o governo era outro, vocês estão lembrados que vira e mexe aparecia na televisão uma moça e um homem descendo no aeroporto, ou no Rio de Janeiro ou lá em Cumbica, em São Paulo. "A missão do FMI chegou ao Brasil para dizer o que tem que fazer o governo brasileiro". E aí, toca o governo a cortar despesa, toca o governo a querer mandar funcionário embora, toca o governo a querer privatizar e toca a



querer fazer as coisas tudo ao contrário do que precisava ser feito. Eu tomei posse, arrumei um pouquinho a casa, porque eu sou filho de gente muito pobre, mas a gente gosta das coisas bem arrumadinhas. Eu nunca comprei nada que eu não pudesse pagar! Eu e a Marisa, às vezes, a gente ficava um ano sem trocar uma coisa dentro de casa, mas a gente só trocava quando a gente tivesse dinheiro para trocar. A gente não fazia dívida que a gente não podia pagar.

Quando arrumamos a casa, chamamos o FMI e dissemos: Companheiro, tchau e benção! *“Não, presidente Lula, nosotros não estamos precisando de plata, pode se quedar com o dinheiro”*. Não, nós não queremos dinheiro, não, nós queremos pagar! Eu quero é a minha liberdade, é o direito de andar com a cabeça erguida, é o direito de decidir pelo meu país.

E hoje, quem me deve são eles, porque nós emprestamos na crise americana. Veja, na crise americana, na crise europeia, nós emprestamos US\$ 15 bilhões para o FMI ajudar a eles. Agora, agora, o Brasil está arrumado. Está arrumado, as coisas estão acontecendo, vai acontecer mais. Não será mole, nós temos que estar juntos, eu vou deixar a Presidência, mas não pense que eu vou me esconder, não. Não pense que eu vou me esconder, eu vou andar por este país porque eu quero continuar ajudando o Brasil, é a única coisa que eu aprendi a fazer na vida, aprendi a entender que o povo pobre deste país precisa ser ajudado com mais urgência. A coisa mais barata do mundo é cuidar do povo pobre, o que é caro é cuidar de rico, porque rico, porque rico... É verdade, rico, quando entra no meu gabinete que quer um empréstimo, é logo um bilhão, três bilhão. O pobre, não, Sarney, o pobre quer R\$ 80,00, R\$100,00, R\$ 500,00, R\$ 1.000,00, R\$ 1.500,00. E o que é mais importante é que quando você empresta R\$ 1.000,00 para um pobre, ele paga. Porque o único patrimônio que o pobre tem é a sua honra e a sua cara.

Veja que engraçado: as pessoas muito ricas, vão a uma festa e gostam de dizer: eu devo dez bilhões, eu peguei um bilhão não sei onde, outro bilhão



não sei onde... É chique dizer que deve muito. Mas a gente tem vergonha de dizer que deve, mesmo que seja pouco. Então, a gente... Se tem uma coisa que pobre tem vergonha é de passar na frente da padaria em que compra o pão e ter que baixar a cabeça porque não pode pagar. A gente quer passar, olhar para o dono da padaria e cumprimentá-lo e dizer: “Daqui a pouco eu venho lhe pagar, para continuar levando o seu pão lá para casa”. É coisa de orgulho.

A outra coisa de orgulho para mim é a Educação. Nós melhoramos muito a Educação, ainda falta melhorar muito mais, muito, porque nós temos muita coisa atrasada. Mas é por isso que nós colocamos na nossa nova lei de petróleo que uma parte do dinheiro do petróleo será para cuidar de Educação. Cuidar da educação infantil, cuidar da universidade, cuidar da ciência e tecnologia, para que a gente dê um salto de qualidade.

E eu queria que vocês prestassem atenção: na sexta-feira, às 10h, sexta-feira, dez horas da manhã, eu, o ministro da Fazenda, o presidente da Petrobras, vários ministros, se você quiser ir está convidado, se vocês quiserem ir estão convidados, mas é longe, é lá no centro de São Paulo, na Bolsa de Valores. Diferentemente dos que eu sucedi, que só iam à Bolsa de Valores para vender as empresas públicas, eu vou à Bolsa de Valores para capitalizar a Petrobras. Eu (incompreensível), não sei quanto vai ser a capitalização, só vou dizer uma coisa para vocês: parece ironia do destino. Se existe ironia, essa é uma. Ou seja, poderia ser a China, poderia ser os Estados Unidos, poderia ser a fusão da Microsoft com a General Motors, poderia ser qualquer outra coisa. Mas é exatamente um país que é governado por um torneiro mecânico que vai fazer a maior capitalização da história que a humanidade já conheceu, ou seja, eu que fiz a minha vida política toda dizendo que era socialista, vou fazer a maior capitalização que o mundo capitalista já conheceu. Nós vamos capitalizar a Petrobras, nós vamos colocar ações da Petrobras para vender, para a gente poder explorar o pré-sal, porque nós



passamos uma quantidade enorme de barris de petróleo para a Petrobras. Então, a Petrobras vai ficar mais rica, mais poderosa, mais forte e, consequentemente, o Brasil vai ficar mais rico, mais poderoso e mais forte. E se os meus adversários já tinham bronca de mim antes de capitalizar a Petrobras, depois de sexta-feira eu não sei o que eles vão pensar de mim. Não importa, o que importa é o que vocês pensam de mim e o que vocês irão fazer junto comigo.

Parabéns, meu querido Juquinha, parabéns a Valec, parabéns ao estado de Tocantins, parabéns ao estado de Goiás, parabéns, presidente Sarney, pelo começo da Ferrovia Norte-Sul, parabéns, Porto Nacional, e parabéns, povo brasileiro, porque o Brasil aprendeu a gostar de si próprio e não permite mais ser tratado como se fosse de segunda categoria.

Um abraço e até, até... Até quando, Juquinha? Até 20 de dezembro, quando a gente vai vir inaugurar o trecho final, mas antes eu venho inaugurar uma ponte, onde? Onde que é a ponte?

_____: Araguatins.

Presidente: Araguatins. Antes eu vou vir a Araguatins para inaugurar a ponte.

A ponte de Lajeado? Não, não, claro. Eu vou vir inaugurar. O que estiver pronto, pode deixar que eu posso perder o gol, mas não sou de perder o pênalti, meu filho.

Um abraço, gente, e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)